

SISTEMATIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO GEOGRÁFICA

Deise Fabiana ELY*

O homem sempre procurou reconhecer e localizar os elementos que fazem parte da realidade viva. Desde a Pré-História ele possuía essa prática, elaborando gravuras nas paredes das grutas que demonstravam a localização das minas d'água, pontos de coleta de frutos e até mesmo os locais que denotavam uma certa periculosidade.

Conforme o desenvolvimento da História da Humanidade, a necessidade de conhecer e representar os lugares amplia-se, pois o homem questiona-se sobre a composição do mundo vivido. Assim, na Antiguidade, muitos mapeamentos passaram a ser elaborados. A princípio, devido a grande influência das concepções de mundo de caráter mítico, os mapas eram confeccionados a partir da visão de uma Terra plana, achatada. Nesses eram representados apenas as informações locais, como alguns rios (águas) e porções terrestres sem qualquer preocupação com um sistema organizado de projeções, pois o desenvolvimento tecnológico e científico da época não permitia tal abstração. Os mapas desse momento histórico eram também ornamentados com figuras mitológicas, apresentando uma conotação artística.

Mas, com o advento das observações astronômicas, o homem passa a questionar sua posição e função na superfície terrestre, quando ele começa a pensar e discutir como e de que forma esse mundo é constituído. Desse modo elaborou-se a visão heliocêntrica de mundo, sob a qual, mais tarde, conforme Moreira (1993), a ciência será constituída.

Aliado ao desenvolvimento da astronomia, da matemática, da física e sob a noção de que a Terra possui uma forma arredondada foi possível a elaboração do sistema de coordenadas geográficas e de vários instrumentos que auxiliaram o homem a conhecer e desvendar, sob os auspícios da quantificação, a superfície terrestre, permitindo-o a lançar-se em expedições

* Doutoranda. Curso de Pós-Graduação em Geografia, FCT / UNESP – Presidente Prudente, SP. E-mail: deise@uel.br

que tinham o objetivo de conhecer os espaços terrestres para, posteriormente, dominá-los.

No contexto de tais expedições, a ciência geográfica vai sendo concebida objetivando o reconhecimento do mundo natural, pois o homem entendia que ele era um ser superior e distante da natureza e, portanto, conhecendo seus mecanismos de funcionamento, poderia dominá-la.

Moreira (1993) e Caseti (1999) discutem como a concepção de natureza desenvolveu-se de forma externalizada ao homem durante sua História e como tal externalização está arraigada à ciência geográfica, pois há muito tempo concebe-se a Geografia sob uma visão dual, ou seja, que existe uma relação distinta dos aspectos sociais e dos componentes naturais que abarcam a realidade.

Essa visão de um mundo dual permite uma freqüente representação das informações geográficas de formas distintas, são elaborados, primeiramente, os mapas que representam os aspectos físico-naturais como: o substrato geológico, o arcabouço geomorfológico, os tipos climáticos, a pedologia e a vegetação.

Após essa primeira caracterização da realidade física do território, seguem os estudos e mapeamentos de caráter sócio-econômico, ou seja, elaboram-se as cartas que representam áreas mais ou menos populosas, de migração, dentre outras.

Os estudos geográficos quase sempre seguem essa seqüência de mapeamentos, essa estruturação das informações geográficas vem sendo desenvolvida há muito tempo, sob o domínio de técnicas cartográficas tradicionais ou até mesmo com a inserção das técnicas atuais de computação como os Sistemas de Informações Geográficas.

Os mapas, concebidos dessa forma, ou seja, como “layers” que compõem a realidade, caracterizam as áreas mapeadas como sendo estáticas e desprovidas de uma sociedade que pensa, age e constrói essa mesma realidade.

Katuta (1993) discute que o mapa representa informações que são carregadas de sentidos e que pretendem decompor uma realidade integrada e em constante movimento, o que torna difícil a elaboração de mapeamentos totalmente fiéis desse mundo real. No entanto, considerando suas limitações, eles possuem as seguintes funções: “Os mapas têm duas funções distintas e não excludentes. A primeira é a de localizar os fatos; a segunda a de apresentar informações quantitativas, ordenadas ou qualitativas. Desse modo, os

documentos podem desencadear raciocínios sugerindo e respondendo questões” (SANTOS & LE SANN, apud SOUZA & KATUTA, 2001, p.114). Compreende-se, assim, que os mapas podem auxiliar no desencadeamento de raciocínios sobre o entendimento da forma de organização do espaço geográfico em distintas sociedades, mas para atingir tal abrangência dependerá da qualidade e dos conhecimentos prévios dos leitores dos mesmos.

O aprimoramento dos métodos de elaboração cartográfica e da qualificação de seus leitores é uma discussão que sempre está em voga no interior do debate geográfico, pois é extremamente difícil compor um mapeamento que consiga abranger a totalidade do objeto da ciência geográfica.

Entendemos que a Geografia nos permite a elaboração de uma visão menos externalizada da natureza, pois seu objeto preconiza que devemos elucidar como ocorrem as inter-relações tão íntimas entre aquela e a sociedade na construção das diferentes territorialidades. Moreira (1993) salienta que tais inter-relações se dão de forma contínua e dialética, nas quais a natureza possui seu ritmo, bem como a sociedade possui o seu, porém acontecendo simultaneamente, de forma ininterrupta e num movimento espiralar “perpétuo”.

Sob essa perspectiva, o mapeamento da realidade geográfica nos leva a uma inquietação, buscando o “como” demonstrar através do mapa, que é uma forma bidimensional de representação da realidade tridimensional, as inter-relações dialéticas entre a natureza e a sociedade.

Pensamos que, através do uso dos recursos da informática, pelo aprimoramento da técnica dos Sistemas de Informações Geográficas e da interpretação de imagens de satélites, mas subsidiados por um aprofundamento das discussões filosóficas que sustentam a discussão de uma natureza menos externalizada em relação a sociedade nos leve para um melhoramento da representação da informação geográfica, no sentido de elaborarmos estudos de cunho verdadeiramente geográficos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASSETI, V. Contra a correnteza. Goiânia : Kelps, 1999.
- KATUTA, Â. M. Um breve histórico sobre a construção de mapas e o seu uso por alunos de 5ª e 8ª séries do 1º grau – Estudo de Caso. Presidente Prudente, 1993. Monografia (Bacharelado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

MOREIRA, R. **O círculo e a espiral: A crise paradigmática do mundo moderno.** Brasil : Obra Aberta, 1993.

SOUZA, J. G.; KATUTA, Â. M. **Geografia e Conhecimentos Cartográficos.** A cartografia no movimento de renovação da geografia brasileira e a importância do uso de mapas. São Paulo : Editora UNESP, 2001.